

ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA LITERATURA BRASILEIRA.

LORIVAL FERNANDES RIBEIRO¹
LUIZ FERNANDO DE CARLI LAUTERT²

RESUMO

Este artigo versa sobre as atividades realizadas no projeto de extensão de uma feira cultural realizada no Colégio Estadual Paulo Alberto Tomazzi, com os alunos do Ensino Fundamental, com o enfoque do processo de aprendizagem e na construção da identidade dos vários movimentos modernistas. Dentre estes destaca-se a literatura brasileira que retrata a realidade do homem do campo e suas questões sociais no contexto de constantes lutas sociais, no âmbito nacional e seus atributos tradicionalmente conferidos a este personagem. Os dados são ilustrativos no projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Programa na Viva a Escola. O mesmo projeto apresentado no Colégio Estadual Paulo Alberto Tomazzi, com os alunos na oitava série do Ensino Fundamental, em novembro de 2009 no município de Umuarama que nos levou a participação dos discentes do Projeto Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) e o Projeto Educação Com Ciência se configuraram, nos últimos anos, como atividades integradoras de grande expressão educacional. Propõe-se neste artigo a estudar tematicamente as obras de diversos escritores como exemplos: Raquel de Queiroz e José Lins do Rego.

Palavras-chave: Conscientização, Cultura, Literatura, Política e Discente.

1 CONTEXTO

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste.

² Educador Orientador, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Preocupados com a carência de estudos sobre as possíveis contribuições da literatura brasileira sobre o homem do campo este artigo descreve de forma sucinta as estratégias metodológicas relatadas através da pesquisa desenvolvida em 2009 no Colégio Estadual Paulo Alberto Tomazzi, com os alunos na oitava série do Ensino Fundamental, como parte do projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Projeto Viva a Escola. Visando a execução do art. 28 da LDB, o CNE inaugura no início de 2001 a discussão sobre a elaboração de diretrizes específicas para a realidade educacional do campo. Assim, o CNE deliberou sobre a realização de audiências públicas para receber sugestões de movimentos sociais, Universidades, órgãos normativos estaduais e federais, entre outras entidades ligadas ao campo considerando os princípios da educação do campo, fazendo parte integrante da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP). Este artigo enfatiza a busca da educação como processo de conscientização. Portanto, aprender tem sentido quando o educando é envolvido no compromisso de transformar a sociedade, que está inserido. O mesmo projeto apresentado no Colégio Estadual Paulo Alberto Tomazzi, com os alunos na oitava série do Ensino Fundamental, em novembro de 2009 no município de Umuarama que nos levou a participação dos discentes do Projeto Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) e o Projeto Educação Com Ciência se configuraram, nos últimos anos, como atividades integradoras de grande expressão educacional. O Projeto FERA, desde seu lançamento em 2004, mobilizou milhares de estudantes, professores, artistas e representantes da comunidade em suas atividades artístico-culturais. Em todas as etapas, o Festival alcançou seus objetivos ao propiciar o enriquecimento na formação de alunos e professores e o aprimoramento da expressão de sua criatividade. Da mesma forma, o Projeto Educação Com Ciência ofereceu aos estudantes paranaenses, em todas as suas edições, a oportunidade de divulgação de trabalhos de natureza científica e tecnológica, incentivando a curiosidade e a pesquisa. Ambos os Projetos, programas pioneiros na

Educação do Paraná, estimularam o aprendizado de conteúdos curriculares e a produção cultural, despertando na comunidade educacional o interesse pela cultura, pela arte e pela ciência, fortalecendo-a para estender o conhecimento adquirido a todos os domínios da vida. “Somente as escolas construídas política e pedagogicamente pelos sujeitos do campo, conseguem ter o jeito do campo, e incorporar neste jeito as formas de organização e de trabalho dos povos do campo” (CALDART, 2003, p.63).

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Este trabalho se ocupou de leituras as quais toda identidade é construída a partir de elementos fornecidos pelas mais variadas fontes como a história, biologia, memória coletiva, aparatos de poder, entre outros. Em suas concepções e princípios, é possível identificar que a perspectiva de educação que tem sido assumida pelo movimento de educação do campo não cabe em uma escola. É uma perspectiva muito mais ampla, em que a educação não se reduz apenas à dimensão escolar. Todavia, a luta pela escola tem sido um dos seus traços marcantes. Isto porque existe o entendimento de que a negação do direito à escola é um exemplo emblemático do projeto educacional que foi imposto ao campo e de que o tipo de escola que está no meio rural tem sido um dos componentes da dominação e degradação das condições de vida dos sujeitos do campo. Além disto, existe a compreensão de que a escola tem uma tarefa educativa fundamental e pode ser um espaço efetivo de fazer acontecer o projeto da educação do campo.

Como na defesa da cultura como matriz de formação do ser humano; com a Pedagogia do Movimento, na compreensão da dimensão fortemente educativa de participação das pessoas nos movimentos de lutas sociais no movimento da história; e com a Pedagogia da Terra, compreende-se que há

uma dimensão educativa na relação do ser humano com a terra: terra do cultivo da vida, terra de luta, terra ambiente, planeta.

2.1 A VISÃO LITERÁRIA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Sobretudo é necessário ressaltar que, muito mais que uma simples mudança de nomenclatura - rural para campo -, a expressão educação do campo constituiu um dos traços marcantes da identidade de um movimento nacional que vem se consolidando na luta por políticas públicas que garantam o direito da população rural a uma educação que seja *no* e *do* campo. É um movimento que, conforme destaca Caldart (2004), mais que o direito da população ser educada no lugar onde vive, defende o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. É, portanto, um olhar para a educação do campo como direito. Direito universal humano e social. Mas que apresenta, também, um outro desdobramento importante: pensar uma política de educação que se preocupe, também, com o jeito de educar quem é sujeito desse direito, de modo a construir uma qualidade de educação que forme as pessoas como sujeito de direito. “Significa compreender os processos através dos quais trabalhadoras/es que atuam em atividades educacionais nos assentamentos e acampamentos de agricultores sem terra passam a se constituir como sujeitos sociais da construção de uma proposta de educação vinculada com as necessidades e os desafios da luta pela reforma agrária e pelas transformações sociais mais amplas em nosso país.” (CALDART, 1997, p. 15).

Refletindo sobre o processo cultural sobre a construção da identidade de homem do campo através de várias reflexões em torno das questões na

literatura Brasileira. "A Educação no campo no Brasil carece de políticas públicas em âmbito Federal, Estadual e Municipal que incidam na realidade das escolas do meio rural, de modo a sanar uma dívida social histórica para com os "povos da roça". (FERNANDES, 2006, p.30).

Na origem dessas iniciativas governamentais, inéditas na sociedade brasileira, é possível identificar diversas articulações e mobilizações da população rural que, através de suas organizações e movimentos sociais, têm buscado reagir ao processo de exclusão social, reivindicando novas políticas públicas que garantam não apenas o acesso à educação, mas, fundamentalmente, a construção de uma escola e de uma educação do campo. No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (CASTELLS 1999, p. 22)

Trata-se, assim, de um projeto educativo que reafirma e dialoga com diferentes pedagogias: as várias concepções na literatura Brasileira do homem do campo, assim como na defesa da cultura como matriz de formação do ser humano, é possível identificar que a perspectiva de educação que tem sido assumida pelo movimento de educação do campo não cabe em uma escola. É uma perspectiva muito mais ampla, em que a educação não se reduz apenas à dimensão escolar. Todavia, a luta pela escola tem sido um dos seus traços marcantes. Isto porque existe o entendimento de que a negação do direito à escola é um exemplo emblemático do projeto educacional que foi imposto ao campo e de que o tipo de escola que está no meio rural tem sido um dos componentes da dominação e degradação das condições de vida dos sujeitos do campo. Além disto, existe a compreensão de que a escola tem uma tarefa educativa fundamental e pode ser um espaço efetivo de fazer acontecer o projeto da educação do campo.

Nesse contexto que, nos últimos anos, têm surgido diferentes experiências educacionais no meio rural brasileiro. São experiências que, na maioria dos casos, surgem por iniciativa da própria população, através de suas organizações e movimentos sociais, a partir de alianças com Partidos Políticos, Igreja, Universidades e Organizações Não Governamentais, na busca de afirmar princípios, concepções e práticas de uma educação e de uma escola do campo. Exemplos dessas iniciativas são, entre outras, a luta do Movimento dos Sem Terra pelas Escolas de Assentamento, Escolas de Acampamento e Escolas Itinerantes; a preocupação do Movimento dos Atingidos por Barragens com as escolas dos reassentamentos; as experiências educativas do Serviço de Tecnologia Alternativa e do Movimento de Organização Comunitária.

A luta dos homens do campo por uma escola vinculada à sua cultura, assim como as experiências dos alunos na oitava série do Ensino Fundamental, em 2009 como parte do projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Projeto Viva a Escola que passam, então, a ser foco de nossa exposição teve como objetivo construir um livro com a participação dos próprios discentes do projeto de vivência do dia-a-dia na história do homem do campo da sua regionalidade .

Em seguida nos pautamos na utilização de livros como um varal cultural na literatura de procedimento de coleta de dados, tendo como exemplos as obras dos autores de Raquel de Queiroz e José Lins do Rego. Esses são alguns dos indicadores que demonstram a histórica negação à população que vive no meio rural brasileiro do direito de acesso e de permanência na escola. (SILVA, 2003).

Nas raízes desse significado de alternância, é possível identificar tanto a expressão do abandono da educação no meio rural brasileiro que, conforme

apresentado anteriormente, é marcada pela insuficiência de escolas, condições precárias de infra-estrutura, professores sem qualificação, currículos inadequados, etc.; quanto à denúncia de uma escola que tem sido um forte instrumento de estímulo ao êxodo e à evasão de muitos jovens para o meio urbano. É todo um conjunto de preconceitos, dificuldades e exclusões diversas que perpassa a compreensão e, sobretudo, a valorização da alternância pelos sujeitos da educação do campo como uma alternativa de escolarização para o meio rural, que possibilita ao aluno ter acesso à escola e, ao mesmo tempo, permanecer junto à família, à sua cultura e às atividades produtivas.

Acrescente-se, ainda, que além das limitações dos instrumentos pedagógicos utilizados, a ausência de uma inserção sistemática tanto dos monitores no acompanhamento dos jovens no meio rural quanto dos professores na condução do projeto pedagógico no meio escolar, constituem, entre outros, fatores limitantes da interação entre escola e os alunos no processo de formação.

A despeito dessas fragilidades e limitações presentes no contexto da educação do campo, a alternância é extremamente valorizada pela possibilidade de permanência do jovem no meio rural. Os argumentos construídos destacam a importância da mão de obra dos membros da família como motor da organização do processo de trabalho na educação do campo. E aqui cabe destacar que é essa utilização predominantemente de mão de obra familiar nas atividades produtivas que constitui o elo de união entre os diferentes segmentos que compõem a agricultura familiar no Brasil: trabalhadores rurais, pequenos proprietários, integrados, arrendatários, meeiros, posseiros, entre outros, constituem as diferentes formas de inserção da agricultura familiar na estrutura agrária e no processo de produção agropecuário. São diferentes segmentos que, conforme destacado anteriormente, têm resistido no campo e reagido às adversidades históricas através de inúmeras lutas sociais. No contexto dessas lutas, que revelam também a presença de uma nova lógica de desenvolvimento do campo, têm

emergido reivindicações por programas e investimentos na qualificação profissional dos agricultores, como estratégia de agilizar as potencialidades produtivas da educação do campo, minimizando sua dependência de fatores externos.

A utilização de tecnologias apropriadas e a capacitação técnica dos professores começam a ser considerados caminho que, em conjunto, contribuem para a superação das dificuldades que têm restringido o desenvolvimento da educação do campo integrada.

Emergem, nessa representação de alternância, a face de um dos segmentos da educação do campo mais modernizado e que, integrado a participação dos docentes, tem sua permanência e sobrevivência condicionada ao aumento da produção e da produtividade de ação pedagógica voltada para educação do campo, o que implica a necessidade de maior emprego da força de trabalho docente e discente. A alternância não significa apenas um alternar físico, um tempo na escola separado por um tempo em casa. (...) Este ir e vir deve representar algo mais profundo, está baseado em princípios fundamentais, em crenças de que a vida ensina mais do que a escola; que se aprende também na família, a partir da experiência do trabalho, da participação na comunidade, nas lutas, nas organizações, nos movimentos sociais, etc. (RIBEIRO, BEGNAMI E BARBOSA, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva, a dinâmica do projeto que busca conciliar esses dois momentos, de forma que o educando faça de seu tempo na comunidade e na escola um momento de reflexão e continuidade, onde possa exercer na prática aquilo que buscou no espaço da sala de aula, objetivando sempre reavaliar suas ações dos conhecimentos teórico científico em seu cotidiano. De acordo com FREIRE e SHOR (1986, p.67), “os professores que temem a transformação também podem ser atraídos para a pedagogia libertadora”.

Falando em literatura no Brasil é preciso sempre avaliar como está sendo realizado seu ensino pelas escolas das redes públicas. Os paradigmas das dificuldades de recomendações de livros de memórias pelos docentes na verdadeira história do homem do campo através na Literatura Brasileira.

A realidade da leitura literária de Raquel de Queiroz que possibilitou a criação de uma perspectiva sobre o homem do campo. Um elemento fundamental de nossa "literatura sertaneja". O romance se dá em dois planos, um enfocando o vaqueiro Chico Bento e sua família, o outro a relação afetiva de Vicente, rude proprietário e criador de gado, e Conceição, sua prima culta e professora. (QUEIROZ, p.1,1997).

O título do livro evoca a terrível seca do Ceará de 1915. A própria família de Rachel foi obrigada a fugir do Ceará: foi para o Rio de Janeiro, depois para Belém do Pará.

A negação da terra aos trabalhadores por parte dos grandes proprietários é, no caso do nordeste brasileiro, frequentemente mascarada por uma vilã que foge do controle humano, a seca. O Nordeste semi – árido que revela a caatinga como vegetação característica, sofre com os efeitos das longas estiagens, tornando-se um perfeito pano de fundo para as diversas justificativas da pobreza e atraso da região.

O livro “O Quinze” vê-se uma problematização do sertão, que apesar de mostrar a hostilidade da paisagem como fator que causa sofrimento aos seus habitantes, também os liga por laços de afeto com o lugar, além disso, provoca o leitor levando-o a refletir sobre as estruturas sociais presentes e a influência da educação e a política na região.

3 CONSIDERAÇÕES

A preocupação com essa temática é possível concluir com essa experiência de procurar levar o aluno a desmistificar a literatura da educação do campo como ato sem sentido, para qual existem formulas prontas, busca-se a produção dos textos nas condições reais em que eles são escritos, fora dos muros da escola, quando se faz a relação entre o mundo do aluno e o todo, de maneira coerente com seus interesses, ele procurará, por si mesmo, desenvolver seu conhecimento e o professor passa, então, a ser um mediador, um elemento facilitador ao aluno em sua contínua releitura de mundo na literatura da educação do campo. Os primeiros contatos com dados coletados do projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Programa de Viva a Escola, indicam que quase todos os alunos apontam à literatura como uma disciplina de grande importância na formação do educando. A partir daí foi lançado um novo desafio para os próximos professores basta adaptá-la para que seja aproveitada como um veículo de transmissão de conteúdos para à literatura da educação do campo, eficiente para o professor, prazeroso para os alunos, podem receber um novo enfoque e serem adaptadas para o reforço de conteúdos que precisam ser praticados em sala de aula com novas visões sobre à literatura da educação do campo, com experiência de incentivo à leitura e a produção de textos realizados com os alunos, apresentou uma alternativa para as aulas de literatura da educação do campo: textos produzidos pelos alunos, a partir do incentivo à leitura como forma de pesquisa. A relação professor-aluno torna-se mais equilibrada, pois ambos aprendem juntos e o aluno observa sua própria capacidade de sua aprendizagem, verificando que seu rendimento passa a ser uma consequência natural do empenho com que se dedica a aprender.

Este trabalho se ocupou de uma leitura na literatura brasileira sobre a educação do campo, através da qual se quer mostrar uma visão crítica na realidade do homem do campo, infelizmente ainda pouco estudada no Brasil. Há tensões, lutas sociais, organizações e movimentos de trabalhadores da

terra que estão mudando o jeito da sociedade olhar para o campo e os seus sujeitos. O projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Programa de Viva a Escola, e como os alunos têm recebido este ensino. Querendo detectar alguns dos problemas neste processo de aprendizagem pretendi mostrar como se dá hoje este ensino e como poderíamos melhorá-lo para que seu objetivo real se conclua que é o de formar os discentes contínuos em literatura sobre a educação do campo. Para que tivéssemos uma pesquisa científica com propósitos de reconhecimento e conscientização dos principais problemas vinculados à realização da leitura de obras literárias da oitava série tornou-se necessária a busca de subsídios práticos para reconhecimento atualizado destes problemas. A Pedagogia da literatura Brasileira para Educação do campo, muito além do que idas e vindas na escola para casa e os incentivos de bons livros, se caracteriza por proporcionar a busca pela socialização do saber, a valorização da cultura popular, perante o homem do campo com um aprofundamento científico e aprimoramento desses saberes em vista da transformação do meio que os discentes vivem.

Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos do projeto de “Ateliers de Criatividade na construção da Identidade Nacional da Educação do Campo através da Literatura Brasileira” do Programa de Viva a Escola foi realizado com base nos princípios da Pedagogia da literatura Brasileira para Educação do campo, sendo que o período que os educandos passam na escola e na sua vida cotidianos sendo esses espaços de formação se caracterizam como tempos de estudos teóricos e práticos. Também forneceu material indispensável para um estudo dos principais obstáculos que atrapalham realização da leitura literária sobre a Educação do Campo para os alunos e possibilitou a criação de uma perspectiva para eliminar ou amenizar estes obstáculos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G., CALDART, R. S., MOLINA, M. C., (orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BACHELARD, P. (1994). *Apprentissage et pratiques d'alternance*. Paris: L'Harmattan.

BOF, A. M. (org.) (2006). **Panorama da Educação do Campo**. Brasília: INEP/MEC.

BRASIL. LDB, Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Corde, 1996.

CLENET, J. & GERARD, C. (1994). *Partenariat et alternance en éducation: Des pratiques à construire*. Paris: L'Harmattan.

CHARTIER, D. (1986). *A l'aube des formations par alternance: histoire d'une pédagogie associative dans le monde agricole et rural*. Paris: Messonance, Éditions UNMFREO.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra S. A, 1986.

Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo. CNE/MEC, Brasília, 2002.

PARANÁ. Projeto Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) e o Projeto Educação. O Projeto FERA, desde seu lançamento em 2004,

QUEIROZ, Rachel de **O Quinze**. São Paulo: Arx.1997.

SILVA, A. G. da (Patativa do Assaré). **Cante Lá Que Eu Canto Cá**. Petrópolis: Vozes, 1984. 355p.

SOUSA, Rainer. **Ciclo da Borracha**. **Brasil escola**, 2009. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/ciclo-borracha.htm> Acesso em 25 jun. 2009.